Teologia da vinha, o cuidado da criação: dom de Deus e compromisso em Is 5,1-7 e Mt 21,33-46

Theology of the Vineyard, the care for the creation: gift from god and
commitment in Is 5,1-7 and Mt 21,33-46

Recebido: 13/11/2016. Aprovado: 24/01/2017.

Celso Loraschi*

João Humberto Luciani**

Resumo: Tendo em vista que a vinha representa o grande dom de Deus confiado à humanidade, interpretada aqui sob a perspectiva da criação, quer-se compreender quais implicações ecológicas brotam das passagens paralelas de Is 5,1-7 e Mt 21,33-46. Elabora-se uma Teologia da Criação a partir da vinha como obra de Deus amoroso, confiante e esperançoso pelos bons e saborosos frutos. Mas a infidelidade causa a cobrança, a exigência de mudança e o aviso de que a justiça será cumprida. Hoje, a humanidade trabalha na vinha de Deus, livremente, com a mesma oferta e sob o mesmo compromisso e responsabilidade.

Palavras-chave: Vinha. Ecologia. Compromisso.

Abstract: Considering that the vineyard represents the great gift of God to humanity, understood here under the perspective of the creation, this article seeks to comprehend the ecological implications which rise from the parallel passages of Is 5,1-7 and Mt 21,33-46. We elaborate a Theology of the Creation based on the vineyard as work of a God who is loving, trusting and hopeful for good and savory fruits. However, the infidelity causes the charging, the demand for change and the warning that justice will be served. Today, humanity works at God's vineyard freely, with the same offering and under the same commitment and responsibility.

Keywords: Vineyard. Ecology. Commitment.

* Celso Loraschi é professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos na FACASC. Possui graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pelotas (1992), graduação em Ciências Sociais pela Fundação das Escolas Unidas do Planalto Catarinense (1974) e mestrado em Teologia Dogmática com Concentração em Estudos Bíblicos pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção (2001).

E-mail: loraschi@itesc.org.br

** João Humberto Luciani é bacharel em Filosofia pela Faculdade São Luiz (2014). Atualmente cursa o Bacharelado em Teologia e Pós-graduação em Catequese – Iniciação à Vida Cristã pela Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC, em Florianópolis. É seminarista da Diocese de Blumenau – SC.

E-mail: jhl.luciani@gmail.com

Introdução

A vinha é um elemento muito presente na Bíblia, dada a sua ocorrência nos ambientes palestinos, cujo relevo elevado permite sua cultura sob baixas temperaturas, chuvas abundantes e baixa umidade no verão. Os declives, inapropriados para cultivar cereais, eram aproveitados para os vinhedos, tanto em épocas antigas quanto modernas. Dependendo do dono, as plantações tinham mais ou menos estruturas, fabris ou mesmo de proteção.¹

Entretanto, o cultivo da vinha exige constante cuidado e manutenção: montar estruturas mínimas, capinar constantemente, irrigar e podar. A Escritura e a arqueologia também mostram que a vindima, festa da colheita, era celebrada com alegria e júbilo (Jz 21,19-21, Is 16,10) pela população.²

Oseias compara Israel a uma vinha fértil (Os 10,1), tema retomado por Jeremias (2,21; 8,13) e Ezequiel (17,1-10).³ Isaías, ao contrário, compara Israel e Judá a uma vinha estéril (Is 5,1-7). Jesus narra uma parábola (Mt 21,33-46; Mc 12,1-12; Lc 20,9-19) nos moldes de Isaías 5. O texto de Mateus é o mais eclesiológico, apresentando de modo claro a missão de Jesus de Nazaré, a condenação de Israel e a entrega da vinha para um novo povo, a comunidade cristã.

Tendo em vista que a vinha representa o grande dom de Deus confiado à humanidade, interpretada aqui sob a perspectiva da criação, quer-se compreender quais implicações ecológicas brotam das passagens paralelas de Is 5,1-7 e Mt 21,33-46. De modo geral, a vinha é propriedade e obra do amor de Deus, que dela espera os melhores e mais saborosos frutos.

É dentro deste contexto que se desenvolve a pesquisa. Inicialmente, propõe-se uma compreensão teológico-exegética de Is 5,1-7, seguida da mesma empreitada com Mt 21,33-46, sem repetir suas semelhanças. Enfim, um elenco de implicações ecológicas a partir das duas análises.

1 Is 5,1-7: a vinha amada do Senhor não produziu os frutos esperados

A perícope em questão se encontra num contexto de transição. Os quatro capítulos precedentes (Is 1-4) formam uma unidade própria.⁴ Dentro dos oráculos contra Judá e Jerusalém, há uma profunda crítica

¹ Cf. MCKENZIE, John. *Dicionário Bíblico*. Trad. Álvaro Cunha et al. São Paulo: Paulus, 1983. p. 965.

² Cf. MCKENZIE, 1983. p. 965.

³ MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F. M. *Dicionário bíblico universal*. Trad. Gentil Tilton et al. Aparecida: Santuário; Petrópolis: Vozes, 1997. p. 820-821.

⁴ Cf. SCHWANTES, Milton. *Da vocação à provocação: estudos exegéticos em Isaías 1-12*. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2011. p. 122.

social. São textos provavelmente anteriores à guerra sírio-efraimita de 733-732 a. C., portanto, por volta de 740 a. C. Percebe-se a crítica aos governantes, que produzem injustiça social e exploração dos mais fracos. Is 5,1-7 é o cabeçalho do grande conjunto dos capítulos 6-9. Há uma ruptura e ao mesmo tempo continuidade entre Is 2-4 e Is 5.⁵

A estrutura do texto poderia ser assim caracterizada:

- 1a. Anúncio do cântico do amigo à sua amada vinha; o profeta fala pelo amigo (estaria ele envergonhado?).
- 1b-2. Narração da estória da vinha (história do povo). Todos os verbos do v. 2 estão no passado.
- Convite aos moradores⁶ para o julgamento da vinha; quebra da narração e do caráter “confortável”. Quem fala agora é o amado.
- Questionamento sobre o que fazer com a vinha má. Perguntas (românticas?)
- 5-6. Anúncio do castigo: arrancar a cerca, deixar ser pisada, cavada, sem chuva. Condenação. Todos os verbos estão no futuro.
- 7. Exposição clara do objetivo da parábola-metáfora. Volta o profeta.

Is 5,1-7 é uma passagem que inaugura uma nova ênfase profética de Isaías. Esta perícopa, embora ligada a Is 5,8-24 (os “ais” de Isaías), inicia como um canto poético, com clara denúncia profética e estética de um texto bem coeso. Não se exclui a poesia, por mais que depois alguns versículos tendam para a prosa.⁷

A estrutura e ritmo mostram um canto de amor; amor que se decepciona com a infidelidade, com o fracasso de todo seu empenho em relação ao povo.⁸ Já 1a questiona de quem é o cântico e para quem. Será do profeta para o amigo, ou do amigo para a vinha (considerando

⁵ Cf. SCHWANTES, Milton. *Da vocação à provocação*. Estudos e interpretações em Isaías 6-9 no contexto literário de Isaías 1-12. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 14-16.

⁶ Milton Schwantes não traduz por moradores, mas governantes de Jerusalém. Além disso, o “julgai” seria mais exatamente “uma ação que restabelece a ordem perturbada de uma comunidade”. [Cf. SCHWANTES, 2011, p. 129].

⁷ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 114-117 e 122.

⁸ Cf. SCHÖKEL, Luís Alonso; DIAZ, Juan Luiz Sicre. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. Tradução Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 135.

apenas 1a)? Embora aí não fique claro, depois se observa que o cântico, que é do amigo, é cantado pelo profeta para “a vinha”. Como diz Otto Kaiser apud Milton Schwantes: se fosse para o amigo, simplesmente, seria um canto fúnebre.⁹

Jésus Asurmendi concorda que seja um cântico de amor, até porque a vinha era um elemento muito usado para a relação conjugal, de amor entre partes, representando a noiva. Mas não só: são três gêneros diferentes, unidos. O texto é também um processo de acusação contra “a noiva”. No antigo Oriente e em Israel, era o amigo do noivo quem denunciava a noiva e, por outro lado, também quem a conduzia até o marido no dia das núpcias (ver Jo 3,29). O amigo é o porta-voz do noivo.¹⁰

Neste caso, trata-se de clara acusação. Houve um contrato matrimonial. O noivo cumpriu plenamente sua parte. A noiva não cumpriu o acordado. O povo deve ser o juiz e dar uma resposta a esta infidelidade. Mas é inegável que se trata também de uma parábola, que fala da relação de Deus com o povo.¹¹

Neste sentido, Eliezer Alves de Assis conclui ser uma parábola jurídica, pois a intencionalidade do autor é, desde o início, uma acusação, praticamente uma armadilha, usando para isso da poesia e da parábola.¹²

No v. 1 já se percebe a virada hermenêutica de “cantar ao amado” para anunciar uma “condenação”. Ao final, a maior parte do texto é a ameaça da destruição, e não um canto amoroso. Do v. 3 ao 6 quem fala não é mais o amigo (profeta), mas o próprio amado (Deus, dono da vinha).

A construção do lagar é para espremer as uvas, deliciar-se com o vinho, o que representa o amor de Deus por Israel, e a torre lembra igualmente o cuidado (Sl 80). A quebra do v. 3 traz um imperativo, um convite para que o povo tome posição diante da situação. Todo ouvinte do cântico é convocado a tomar parte ativa no processo.¹³ O cântico é

⁹ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 126-127.

¹⁰ Cf. ASURMENDI, Jésus. *Isaías 1-39*. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 37.

¹¹ Cf. ASURMENDI, 1982, p. 38.

¹² ASSIS, Eliezer Alves de. *A parábola dos vinhateiros homicidas de Mateus 21,33-46 à luz das ressonâncias de Isaías 5,1-7*. 2007. Rio de Janeiro, 2006. 160p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006. p. 25.

¹³ Cf. ASURMENDI, 1982, p. 36.

agradável aos ouvidos, até aí, mas não existe a prática do amor desejada pelo amigo. Esta denúncia é bem especificada em Ez 33,30-33.¹⁴

Schwantes e Assis chamam a atenção para o otimismo de 1b até 2c: a terra é fértil, uma encosta possivelmente arrumada para a plantação. Esta terra foi revirada para ser oxigenada, removeram-se as pedras inúteis e incômodas, plantou-se a melhor qualidade de uva. E da plantação da vinha passa-se imediatamente para a torre e o lagar: não se fala de estruturas de colheita, armazenamento, operários. Essa imediatez sugere que as uvas são excelentes! É certo que darão vinho bom – já se construiu o lagar! De qualquer modo, o amigo fez um grande investimento, estava muito confiante, não economizou de forma alguma, revelando-se muito esforçado, se comparado com as condições dos vinhateiros da época. Mais um elemento que fortalece a ruptura de 2c.¹⁵

O verbo “esperar” uvas boas indica a esperança, confiança em todo o empenho, investimento realizado em favor da vinha.¹⁶

Os judaítas (os governantes?) podem interpretar como convite para julgar os israelitas (do norte). Mas os fatos já são conhecidos: quando o v. 3 chama os judaítas, não os chama como testemunhas ou juízes, mas já como parte da vinha acusada. Depois de ouvir o v. 4, que morador se atreveria a protestar? As perguntas retóricas do amigo/amante calam os acusados diante de sua infidelidade escancarada.¹⁷

Elemento importante é o verbo “fazer”, que aparece sete vezes, no sentido de dar fruto, produzir. Observa-se que:

Vers.	Texto	Caráter
2c	Esperava que produzisse uvas boas	Positivo
2c	Mas só produziu uvas azedas	Negativo
4ª	Que me restava fazer ainda?	Positivo
4ª	Que não tenha feito ?	Negativo
4b	Que desse uvas boas	Positivo
4b	Deu apenas uvas azedas?	Negativo
5a	Agora vos farei saber o que farei da minha vinha!	

Isso revela que a resposta esperada não é apenas sentimento de amor, mas obras de amor, “produção, feitura” de amor, concretamente, por meio

¹⁴ Cf. SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 136.

¹⁵ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 119 e 124; Cf. ASSIS, 2006, 59-60.

¹⁶ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 128.

¹⁷ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 130.

de obras de justiça, fraternidade, altruísmo. A “amada” deveria responder à altura ao amado – impressão de início ao leitor – mas isso não aconteceu.¹⁸

Sem aguardar resposta, declara-se a ameaça: tirar-se-á toda proteção, e os animais selvagens pisarão e devastarão a vinha: completo abandono. As nuvens receberão ordem para não chover sobre ela – ora, tamanho poder está só em Yahweh: “Consegues elevar a voz até as nuvens, e a massa das águas te obedece” (Jó 38, 34).

De fato, v. 5b-6 inauguram uma posição forte e inovadora de Isaías. Finalmente proclama-se o fim da vinha. Não é mais uma profecia reformista, mas de que algo devastador está para acontecer, no sentido de que é preciso mudar a essência da estrutura, não apenas aspectos exteriores e secundários.¹⁹

Outro ponto muito interessante é a comparação entre a construção (v. 1b-2) e a destruição (5-6). O dono da vinha constrói uma torre e um lagar. Depois, arranca a cerca e derruba o muro. Mas quem tinha construído a cerca e o muro? Schwantes argumenta que isso significa que a devastação da vinha não tem relação com a estrutura da vinha. A infidelidade não é consequência direta da confiança depositada por Deus em seu povo. A infidelidade tem sua raiz além da estrutura. Não é mero fruto da liberdade, como algo necessário, mas opção pelo caminho da injustiça e destruição.²⁰

Ali crescerão espinheiros e ervas daninhas, que sufocarão a vinha. Onde havia a melhor vinha, há espinhos. Somando-se à ausência de chuva, o destino é a desertificação: espaço de morte total, destruição total. O deserto que cerca as cidades habitadas pode se estender para dentro das cidades!²¹

Há uma clara ligação entre o v. 3 e o v. 7, em relação aos moradores de Judá; e entre os v. 1b-2 e 5-6, em relação ao amigo, dono da vinha. As duas ligações revelam-se paradoxos propositais para denunciar o problema:

Sujeito (s)	Olhar positivo	Olhar negativo
Moradores de Judá	3: convite para serem juízes	7: condenação
Amante, dono da vinha, Yahweh	1b-2: aquele que faz bem à vinha	5-6: causa de todas as desgraças da vinha

Os mesmos que são convidados para serem juízes da parábola (3), depois são condenados por seu próprio veredito (7), pois a parábola

¹⁸ Cf. SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 135.
¹⁹ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 134-135.
²⁰ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 135.
²¹ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 135-136.

falava deles próprios. Semelhante ao episódio de Davi e Natã (2Sm 12,7), pois a estratégia é a mesma: os acusados são levados a condenar a si mesmos, sem que percebam.²² Somente a vinha permanece a mesma: sempre produzindo uvas más, azedas, bravas.²³

O v. 7 encerra a perícopes de maneira clara. A tragédia anunciada por Isaías finalmente pisa a concretude da realidade. O fato inusitado torna-se a injustiça, a transgressão e os gritos de desespero – os frutos azedos da vinha – que, apesar disso, permanece a vinha de Iahweh dos Exércitos, a vinha preciosa. Dado novo é a inclusão de Israel (e não apenas Judá, como no v. 3) como o objeto da vinha.²⁴ Esse uso diverso também poderia ser mais uma armadilha da parábola jurídica: o v. 3 faria Judá pensar que a condenação era contra Israel somente, tendo por base o salmo 80 e Oseias 1,7. Enfim, o v. 7 de Isaías 5 lança claramente a denúncia de que a transgressão é de ambos os reinos. Talvez até mais contra Judá: nesse caso é pior ser chamado de planta, que produz a fruta azeda (Judá) do que de vinha (Israel).²⁵

A comparação e semelhança entre os v. 2c e 7b manifesta a genialidade do autor, segundo o jogo de palavras de 7b, e resume o drama da infidelidade, uma vez que sobrou o contrário do que se esperava:

2c	7b	
Com isto, esperava que ela produzisse uvas boas, mas só produziu uvas azedas.	Deles esperava o direito, mas o que produziram foi a transgressão; esperava a justiça, mas o que apareceu foram gritos de desespero.	
	Mishpât – direito	Çedâqâ – justiça
	Mispâh – injustiça, transgressão	Ce'âqâh – gritos de desespero

O leitor fica desejoso dos “ais” que seguem, e de fato, este versículo é a abertura do que se segue.²⁶ Só haverá continuidade para o povo de Deus acolhendo as novas luzes que iluminarão Sião. Os próximos capítulos irão aclarar a esperança e o caminho da reconstrução. As ruínas da vinha são a estrutura do futuro do povo de Deus. O fim virá para as estruturas totalitárias que geram opressão, não para o povo escolhido de Iahweh.²⁷ Sobre isto, ver ainda Is 27,2-5.

²² Cf. SCHÖKEL; DIAZ, 1988, p. 136.

²³ Cf. ASURMENDI, 1982, p. 36.

²⁴ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 137-138.

²⁵ Cf. ASSIS, 2006, p. 63-65.

²⁶ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 121.

²⁷ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 139.

1.1 Chaves de interpretação

- 1.1.1 A traição matrimonial: Oseias usou a mesma estratégia, mas apresenta sua própria mulher como símbolo, não como parábola. Isaías é o amigo de Deus, porta-voz de Deus. Está suficientemente claro (literalmente no v. 7) que a vinha é o povo de Judá ou até apenas seus governantes, e o amante, dono da vinha, é Yahweh. O povo traiu o amor de Deus porque não respondeu à altura, não amou, não promoveu (produziu) a justiça esperada. Este é um fato, do qual decorrem outros elementos, expostos a seguir.
- 1.1.2 O silêncio da mera constatação: a perícope termina no v. 7 com uma constatação, mas sem os esperados benefícios ou castigos de Deus, não mais na parábola. Ora, se Isaías o disse na festa do outono, os benefícios de Deus para a vinha eram óbvios. O castigo, porém, ainda está para acontecer, e pior: não se sabe o que virá sobre Judá, apenas que “a vinha” terá um fim. Ainda há tempo para converter o coração.²⁸
- 1.1.3 A vinha será pisoteada – por quem? Uma vez que Schwantes situa a perícope por volta de 740 a. C., não há aí uma iminência de dominação assíria, ou uma crise política tal que o suponha. Is 5,1-7 intui os dias difíceis, avassaladores para as instituições, devastadores para a cidade (v. 5-6). Até aqui, se propõe purificação, mas o capítulo 6 já proclama a devastação.²⁹
- 1.1.4 O “novo Isaías” de 5-11: se até o cap. 4 Isaías chama a mudanças pontuais, a partir de 5 ele se torna um profeta radical. Anuncia o fim da monarquia social-estatal. É preciso recomençar a vinha – o que, segundo Schwantes – fica expresso na insegurança do texto a partir do v. 4 e na ineficácia da vinha.

2 A parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21,33-46): a vinha é dada à comunidade cristã

2.1 Contexto

Esta passagem se encontra em meio a outras parábolas de crítica aos líderes religiosos, que não aceitam os bons propósitos de Deus.

²⁸ Cf. ASURMENDI, 1982, p. 39.

²⁹ Cf. SCHWANTES, 2011, p. 123-124.

Neste caso, não aceitam o próprio Filho de Deus, Jesus Cristo. O texto interpreta a queda do Templo em 70 d. C como resultado da infidelidade dos líderes de Israel.³⁰ Logo percebe-se que se trata de uma releitura de Is 5,1-7, numa abordagem agora literalmente “cristã”, ou melhor, “cristica”, a partir de Jesus Cristo.

2.2 Gênero literário

Trata-se de uma parábola de Jesus. Como já dito, com clara referência ao texto de Is 5,1-7. Tudo indica que a comunidade primitiva a interpretou, até a fixação escrita, num sentido alegórico: sobretudo na versão de Mateus cada elemento corresponde a outro na história da salvação. Partindo do provável conhecimento de Isaías, constrói-se novo esquema solenemente arquitetado, até chegar ao “clímax cristológico” da ressurreição, como afirma Joachim Jeremias.³¹

2.3 Análise literária

O proprietário representa Deus (21,33), dono da terra. Assim como em Isaías 5, os investimentos demonstram alta expectativa ou confiança nos resultados da vinha. a vinha é arrendada para alguns vinhateiros, pois o dono vai ausentar-se. A atitude de arrendar terras para lucrar sobre o trabalho dos outros era prática comum para os latifundiários.³² Deus cuida com carinho de sua obra, mas os frutos nunca chegam. É preciso enviar pessoas de confiança para fazer a cobrança.³³

Na hora da colheita, os vinhateiros oferecem resistência e atacam os servos do proprietário, enviados como cobradores. E fazem o mesmo com um número ainda maior. Não respeitam a autoridade do dono.

Alegoricamente, os servos atacados representam os profetas de Deus enviados a Israel, frequentemente chamados de servos (Jr 7,25; Am 3,7). Ao matar os servos e roubar o dono da terra, quebra-se a Aliança

³⁰ Cf. CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: Comentário sócio-político e religioso a partir das margens*. Trad. Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002. p. 533-534.

³¹ Cf. JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. Trad. João Rezende Costa. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986. p. 80-81.

³² Cf. CARTER, 2002, p. 534-535.

³³ Cf. PIKAZA, Javier. *A teologia de Mateus*. Trad. José Raimundo Vidigal. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 104.

com Deus, violam-se seus mandamentos (Ex 20,1-17; Dt 5,6-21). Pode-se exemplificar lembrando Elias (1Rs 19), Jeremias na cisterna e depois levado ao Egito (Jr 26; 38), e Azarias (2Cr 24,20-21).³⁴

Mateus apresenta dois grupos de servos que são enviados (21,34 e 36). Nos dois grupos há os que são espancados, os que são mortos e os que são apedrejados (21,35). Joachim Jeremias sugere que Mateus queira sugerir os dois grandes grupos proféticos dos judeus, profetas anteriores e profetas posteriores.³⁵

Os vv. 37-39 falam do envio e morte do filho do proprietário. Interpretamo-lo como sendo o próprio Jesus, assassinado em Jerusalém, vítima de líderes religiosos injustos que combinam entre si para o destruírem. Matam o herdeiro para ficar com sua herança, a vinha de Deus.³⁶ Faz-se questão de dizer que o filho morreu fora da vinha (Mt 21,39), assim como a tradição sobre Jesus Cristo (Hb 13,12).

Entretanto, este fato da parábola revela dois aspectos importantes. Primeiro, se esta fosse uma alegoria da comunidade primitiva, certamente apareceria a ressurreição. Logo, muito provavelmente é uma parábola narrada pelo próprio Jesus contra os líderes da época. Segundo, na ocasião mesmo ninguém teria como perceber que o filho assassinado pelos vinhateiros era o próprio Jesus de Nazaré, pois a expressão não era usada exclusivamente em sentido messiânico. Isso explica a brusca descrição do assassinato do herdeiro.³⁷

Entretanto, vale a pena perceber que o assassinato não provoca o ganho da terra. Dá-se a entender que, apesar da morte do filho, é a vontade do pai (dono da vinha) que se cumprirá ao final. A autoridade do filho valerá junto aos novos trabalhadores da vinha, aqueles que darão frutos.³⁸

Assim como Deus em Is 5,3, Jesus interroga os acusados em Mt 21,40, numa nova armadilha para arrancar deles a própria condenação. No v. 41 os chefes dos sacerdotes e anciãos do tempo predizem o veredito do próprio Jesus sobre si. A parábola defende que a queda de Jerusalém em 70 d. C é culpa da infidelidade de seus administradores.

³⁴ Cf. SCHÖKEL, Luís Alonso. Notas teológico-exegéticas. In: BÍBLIA. Português. *Bíblia do Peregrino*. Novo Testamento. 2. ed. Tradução de José Bortolini e Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. p 66.

³⁵ Cf. JEREMIAS, 1986, p. 75.

³⁶ Cf. PIKASA, 1984, p. 104.

³⁷ Cf. JEREMIAS, 1986, p. 75-76.

³⁸ Cf. SCHÖKEL, 2005, p 66.

Como consequência, de fato, a vinha será entregue a outros arrendatários, que paguem o que é devido.³⁹ A declaração coletiva de Mt 27,25 (Nós e nossos filhos somos responsáveis por sua morte [de Jesus]) vem acrescentar-se à mesma ideia.

O que segue é uma adição da comunidade cristã pós-pascal, que quis uma profecia na boca do próprio Cristo. Jesus continua citando o Sl 118,22-23, que louva a Deus pelas maravilhas operadas em Israel sobre as outras nações. Jesus o utiliza como louvor ao Pai pela justificação do próprio Jesus diante dos líderes judaicos. Mas é claro que estes nem reconhecem quem é Jesus e nem entendem as maravilhas que Deus está operando por meio dele.⁴⁰

O v. 43 trata da “transferência” do Reino de Deus para os novos arrendatários. O Reino será tirado da elite, que detinha certo poder político e religioso. Ao contrário de Is, em Mt a vinha não sofre nada: ela permanece intacta, como dom de Deus que apenas é injustamente administrado. Os novos donos são aqueles que produzirão fruto verdadeiro, a partir da fidelidade e obediência ao dono da vinha.

Uma vez que a vinha não é trocada, vê-se que não se trata de trocar uma etnia, como se o novo povo fossem outros povos pagãos. O importante é que os novos trabalhadores não sejam como os primeiros, e ainda mais, que produzam frutos. A responsabilidade e a vinha continuam as mesmas, inclusive a necessidade de prestar contas ao final da colheita. Basta ter boa vontade e disposição para trabalhar na vinha do Senhor!

Perceba-se como a parábola é uma armadilha para os fariseus, saduceus, sacerdotes, anciãos etc. Entretanto, embora percebendo que Jesus falava sobre eles (21, 45), não reconhecem que este que fala, este que revela sua identidade e perspicácia, é o próprio Filho de Deus, o herdeiro por excelência da vinha (21,37). De fato, há os que escutam mas não ouvem, enxergam mas não veem.

Fica a ideia de que Jesus não é Messias apenas para judeus. Ao contrário, o Reino é para aqueles que o aceitam e trabalham na sua construção. Jesus vem anunciar o Reino como luz universal, profeta das nações, uma vez que em Israel sua voz não foi ouvida.⁴¹

³⁹ Cf. CARTER, 2002, p. 536-537.

⁴⁰ Cf. VÁRIOS AUTORES. *Leitura do Evangelho segundo Mateus*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 85.

⁴¹ Cf. PIKASA, 1984, p. 136.

3 Implicações ecológicas a partir da “vinha de Deus”

A análise até aqui empreendida permite agora ousar propor algumas implicações ecológicas. Metodologicamente, recolhendo alguns pontos, apresentar-se-ão algumas dessas implicações.

Em primeiro lugar, a vinha oferece uma belíssima Teologia da Criação. A vinha é obra de Deus, dom gratuito e bom em si mesmo. Obra chamada a promover igualmente o bem a partir de seu desenvolvimento. Sem dúvida, a vinha leva a uma Teologia da Criação próxima do verbo cultivar (Gn 2,5.15), e não dos verbos dominar e submeter (Gn 1,26. 28).⁴²

A obra não é boa apenas porque vem de Deus, mas possui elementos vários que evidenciam sua distinção. A vinha poderia ser simples, mas é muito bem equipada pelo amor e pela expectativa de seu dono. A criação, a natureza, não se mostra boa apenas porque se sabe que é de Deus, sendo dom de Deus, mas mostra sua beleza por sua organização, sua complexidade, sua oferta, seu necessário e saudável equilíbrio.

É como se o mundo fosse a vinha de Deus concedida ou arrendada à humanidade, para que produzisse muito fruto. De fato, Is 5,1-7 introduz o que seria uma declaração de amor de Deus à humanidade. Deus criou o mundo para o ser humano como um ninho de um pássaro: todo elemento é fundamental, mas o coroamento é a vida que deve nascer deste projeto (Gn 1-2,4a).

Mas esse amor foi respondido com infidelidade, e não com os frutos esperados. A infidelidade é a promoção da injustiça por Israel e Judá. Igualmente, é preciso reconhecer as diversas “infidelidades ecológicas” da humanidade: desperdício de alimentos, mau uso da água, exploração desenfreada de recursos minerais, manipulação animal e vegetal, monoculturas, poluição ambiental, etc. São estes alguns dos frutos que se poderiam ofertar hoje ao dono da vinha.

Deus cumpriu sua parte do acordo, mas “a noiva” não. Toda a humanidade é chamada a observar a realidade e dar um parecer de julgamento, analogicamente. Infelizmente, é necessário assumir-se como

⁴² Luiz Carlos Susin afirma que o sentido original dos relatos da criação, sobre o qual se edifica uma Teologia da Criação, deve ser o sentido de cultivar, ou seja, de Gn 2. O sentido de dominar e submeter de Gn 1, elaborado na época do exílio na Babilônia, decorre justamente do contexto de valorização do humano sobre o restante da criação, e obviamente num contexto de dominação e submissão humanas. Fica-se, portanto, com o sentido mais antigo, de Gn 2. [Cf. SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus. Deus e Criação*. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2003. p. 95]. A mesma ideia se encontra desenvolvida de outra forma na *Laudato Si*, n. 67.

culpado pela situação. Enquanto países e cidadãos culpam-se uns aos outros pelos problemas, não ocorrem avanços.

Resgatando esta relação Deus-povo como esposo e esposa, Luiz Carlos Susin aborda a criação como uma aliança sponsal entre Deus e o ser humano:

A aliança como marco referencial para interpretar a criação aponta para uma relação de respeito, de autonomias e alteridades, tanto por parte do Criador como por parte das criaturas. [...] a aliança tem um caráter eminentemente sponsal, como a resposta diante do esposo, e vice-versa.⁴³

Se em Isaías e Mateus Deus parece “armar uma armadilha lógica”, a crise ecológica mundial poderia ser uma “armadilha natural”: edificada, desenvolvida e consolidada pela humanidade, mas que exigirá da mesma humanidade o pagamento dos prejuízos. Deus não precisa mostrar a condenação: alguns já a visualizam hoje com os próprios olhos, e também a sentem.

O amado esperava da vinha uma boa produção, aguardada com confiança desde sua construção. Essa boa produção era amor, obras de justiça e fraternidade. Mas isso não aconteceu: vieram só uvas azedas, amargas, bravas. Como estas não interessam ao dono (Deus), ele cessa a necessária chuva, para que as uvas azedas não sejam mais produzidas. Quando a criação é descuidada sistematicamente, quando o ser humano gera destruição, esta criação entra num processo de desequilíbrio ambiental que vai progressivamente afetando as teias de interdependência na natureza. Todo o conjunto sofre com qualquer alteração.

Uma destruição é anunciada e infelizmente pode ser visualizada. Mesmo os muros ou a cerca são destruídos, embora não se diga que foram construídos por Deus. Em Is 5,1-7 isso indicava a existência de elementos não provindos de Deus, elementos humanos, mas inúteis para a proteção da vinha. Hoje poderia significar: há muitos elementos humanos criados para proteção (muros e cercas), mas tudo isso será igualmente destruído: técnica, conhecimento, ciência e tecnologia, conforto, mercado. Toda “criação” humana se torna fútil, inútil, se não existir a preocupação de Deus: a preocupação fundamental com a vida humana e com toda a criação.

Os espinheiros e ervas daninhas parecem indicar os problemas decorrentes da vinha que foi destruída: aquecimento solar, aumento do nível dos mares e oceanos, desertificação, extinção de espécies, contaminação de lençóis freáticos, aumento de doenças respiratórias e associadas ao uso de agrotóxicos, dependência química para cura de doenças, entre muitas outras.

⁴³ SUSIN, 2003, p. 42.

O Papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si'*, recorda como a má ação humana na natureza agride-a, de modo que este mal se volta contra a própria humanidade:

[A terra, a casa comum] clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. [...] um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus. (LS, 1 e 8).⁴⁴

Pode-se perguntar, cada qual, se ele mesmo é mais planta (aquele que produz o fruto azedo), ou mais vinha (local que sofre com as vinhas infieis). De qualquer modo, ambos sofrem diretamente com o problema. E mais do que jogar de lado o problema, para que não aconteça a destruição total é preciso assumir a questão com responsabilidade e esperança. Se houver transgressão, também haverá gritos de desespero.

Se para Isaías o fim da vinha é o fim de estruturas políticas e sociais opressoras, restando o povo, sabe-se que numa abordagem ecológica não é assim. Toda mudança errada no meio ambiente afeta, direta ou indiretamente, toda a humanidade. Ainda mais que toda ação humana é mundialmente realizada e pode ser mundialmente geradora de desequilíbrio ambiental. Os problemas não afetam só os culpados. Afetam todos. E infelizmente os que mais sofrem, ou os que sofrem primeiro, são os menos culpados.

Entretanto, assim como em Is 27,2-5, há uma esperança: a traição de fato ocorreu, mas é possível voltar atrás, não sem assumir as agora inevitáveis consequências. Ainda há tempo para converter o coração. Se não é possível salvar a vinha, será possível ao menos libertar a consciência? Algo precisa ser assumido e feito.

Partindo para o texto de Mateus 21,33-46, percebe-se que novamente o alvo são os líderes das estruturas opressoras e injustas. A responsabilidade com a ecologia hoje também é em primeiro lugar a de líderes políticos, e até religiosos. Mas todo ser humano, chamado a ser trabalhador da vinha, é responsável direto. Se não se pode dizer que é responsável pelos problemas, é chamado a ser responsável pela busca de soluções.

Sem repetir as analogias entre os dois textos centrais, percebem-se em Mt 21 certas especificidades. Aqui são enviados servos, e o próprio filho do proprietário, para cobrar a produção aguardada. Em Mt, o que ocorre é desrespeito com o dono, enfrentamento direto com a autoridade que projetou e preparou tudo. Resistência que se manifesta em violência e morte. O egoísmo de um grupo é considerado maior que a vida das outras pessoas.

⁴⁴ FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015. p. 9. 13.

Novamente torna o tema do desrespeito humano para com a obra de Deus que foi concedida por amor. E o que chama a atenção é a detenção da vinha. Quando o ser humano se deixa contaminar pelo egoísmo, individualismo, quando não consegue enxergar o direito e a justiça, passa a agir com violência. E com violência, a sua luta, que talvez fosse pela vida, gera a morte humana. É o absurdo que denuncia a contradição. Quando os muitos esforços e progressos humanos modernos, talvez motivados pela vida, passam a gerar morte, injustiça social, desigualdade, dependência, então se constata a mesma contradição.

Enfim, a passagem da vinha para novos arrendatários, os cristãos, não cabe aqui como um “Apocalipse ecologicamente correto”. Os cristãos fazem parte dos primeiros arrendatários, e talvez neste plano a vinha não possa nem ser concedida a outros.

Entretanto, a grande mensagem precisa ser de esperança. Reconhecendo em Cristo, Filho de Deus, Salvador da humanidade, aquele que veio ao mundo Bom para exaltar a humanidade Muito Boa, o único sentimento que deve persistir e impulsionar é a esperança, a confiança na humanidade a partir da bondade radical da criação.

A *Laudato Si*, em seu capítulo VI, apresenta diversas formas de uma nova “Educação e Espiritualidade ecológicas”. Nem tudo está perdido, porque ao degradar-se, o ser humano pode também superar-se, escolher o bem e regenerar-se (Cf. LS, 205). É preciso sair de si rumo ao outro, auto transcender-se (LS, 208), enquanto se caminha com confiança na construção da civilização do amor (LS, 231).⁴⁵

Assim como a mensagem cristã, a mensagem ecológica é para todos e interessa a todos. Toda a humanidade trabalha na vinha de Deus, livremente. E todos são convidados a responder a um Deus que dá uma grande obra, repleta das melhores estruturas e videiras para produzir os melhores frutos. A primeira tarefa é a responsabilidade pessoal, com consciência e compromisso. Ninguém pode ficar parado: *Ide, também vós, para a minha vinha!* (Mt 20,7).

Referências

ASSIS, Eliezer Alves de. *A parábola dos vinhateiros homicidas de Mateus 21,33-46 à luz das ressonâncias de Isaías 5,1-7*. 2007. Rio de Janeiro, 2006. 160p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

⁴⁵ Cf. FRANCISCO, 2015, p. 120ss.

ASURMENDI, Jésus. *Isaías 1-39*. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1982.

BÍBLIA. Português. *Bíblia do Peregrino*. Novo Testamento. 2. ed. Tradução de José Bortolini e Ivo Storniollo. São Paulo: Paulus, 2005.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*: Comentário sócio-político e religioso a partir das margens. Trad. Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. Trad. João Rezende Costa. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986.

MCKENZIE, John. *Dicionário bíblico*. Trad. Álvaro Cunha et al. São Paulo: Paulus, 1983.

MONLOUBOU, L; DU BUIT, F. M. *Dicionário bíblico universal*. Trad. Gentil Tilton et. al. Aparecida: Santuário; Petrópolis: Vozes, 1997.

PIKAZA, Javier. *A teologia de Mateus*. Trad. José Raimundo Vidigal. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

SCHÖKEL, Luís Alonso; DIAZ, Juan Luiz Sicre. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. Tradução Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.

SCHWANTES, Milton. *Da vocação à provocação*: Estudos exegéticos em Isaías 1-12. 3. ed. São Leopoldo: Oikos, 2011.

SCHWANTES, Milton. *Da vocação à provocação*: Estudos e interpretações em Isaías 6-9 no contexto literário de Isaías 1-12. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus*: Deus e Criação. São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2003.

VÁRIOS AUTORES. *Leitura do Evangelho segundo Mateus*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1982.